



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

## **EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO? PERSPECTIVAS FREIREANAS NO CURSO DE AGROECOLOGIA DO PROJETO DE FORTALECIMENTO DA PRODUÇÃO DE BASE AGROECOLÓGICA DO ESTADO DE SERGIPE**

Marcio Eric Figueira dos SANTOS, PROFCIAMB / Universidade Federal de Sergipe, [mefs@academico.ufs.br](mailto:mefs@academico.ufs.br); Kauane Santos BATISTA, PPMTUR / Instituto Federal de Sergipe, [cauane.aju@gmail.com](mailto:cauane.aju@gmail.com); Josefa Paula Santos COSTA, NEA / Instituto Federal de Sergipe, [irmapaula7@gmail.com](mailto:irmapaula7@gmail.com); Anézia Maria Fonsêca BARBOSA, PROFCIAMB / Universidade Federal de Sergipe, [aneziamaria@academico.ufs.br](mailto:aneziamaria@academico.ufs.br)

### **Resumo**

O trabalho refere-se ao estudo das perspectivas freireanas aplicadas no curso de Agroecologia do projeto de Fortalecimento da Produção de Base Agroecológica do Estado de Sergipe, ofertado pela Cooperafes - Simão Dias a camponeses. O mesmo se ampara nas discussões sobre as fases da ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural no Brasil e o olhar de Paulo Freire e outros autores sobre um modelo com bases horizontais que culminam com a práxis da Assistência Técnica e Comunicação Rural Agroecológica. Classifica-se o estudo como uma pesquisa científica de natureza aplicada, descritiva e explicativa, com abordagem qualitativa, abrangência de procedimentos bibliográficos, documental e com dados secundários obtidos por meio de ferramentas de diagnóstico, onde, através da pesquisa-ação busca-se construir conhecimento resultante da sistematização de informações dos participantes. Vê-se como uma possibilidade para outras ações de Assistência Técnica e Comunicação Rural Agroecológica a aplicação do modelo híbrido de ensino e diagnóstico, por também possibilitar a construção de um memorial acessível, haver a possibilidade de acompanhamento e resolução das atividades com uma margem de tempo viável. O estudo contribui para ampliação do diálogo com a academia e sociedade em geral, por meio da publicização de toda esta trajetória, auxiliando no desenvolvimento de outras pesquisas/estudos.

**Palavras-chave:** meio ambiente, agroecologia, gestão ambiental, educação ambiental.

### **1. Introdução**

E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “sêres para outro” por homens que são falsos “sêres para si”. E que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (FREIRE, 1983, p. 28).



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

Com estas palavras de Paulo Freire começamos a tecer as bases da agroecologia postas no trabalho. Onde o diálogo, enquanto ferramenta de concepção horizontal, crítica e identitária de humanização e pertencimento, está no cerne de todo o processo de construção de um novo olhar e perspectiva de assistência técnica e extensão rural ao longo da história. Mas, como se deu esta construção dialógica de assistência técnica e extensão rural no Brasil? Existe apenas um modelo? E quais as bases em que ela(s) se assenta(m)?

Primeiramente, antes de discorrermos e termos o discernimento sobre o que Paulo Freire tratou por “Extensão” e “Comunicação” na assistência técnica rural, devemos conceituar a própria assistência técnica rural, compreender a adoção inicial do termo extensão rural neste trabalho (como assim consta em grande parte da literatura) e a condição convergente e complementar de ambas, assim como nos remeter a sua própria cronologia histórica.

Segundo a Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo (SAF, 2020), o principal objetivo dos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), instituída com a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Pnater) em 2010 (com a Lei 12.188/2010), é melhorar a renda e a qualidade de vida das famílias rurais, por meio do aperfeiçoamento dos sistemas de produção, de mecanismo de acesso a recursos, serviços e renda, de forma sustentável.

Logo, se concebe a assistência técnica e extensão rural como serviço(s) voltados aos sujeitos da agricultura, quer do campo ou da cidade (urbana e periurbana). Ao traçar este vínculo da assistência técnica com a extensão, têm-se por intuito desenvolver ações desde orientações técnicas para produção até a formação e capacitação tanto dos agentes extensionistas quanto dos sujeitos do campo. Assim, não se pensa em uma, sem colocar a outra em pauta. Contudo, a assistência técnica e extensão rural não se inicia em 2010 e não se constitui com um único modelo ao longo da história.

Vale ressaltar, como explica Caporal (2009), que a assistência técnica e extensão rural deve ser compreendida como um bem público, ainda que exista uma aliança e avanço da perspectiva neoliberal e sua política de Estado mínimo, por ser o direito de todos e dever do Estado, a sua promoção. O mesmo acrescenta que “o serviço de Extensão Rural, como processo



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

educativo, informativo, comunicacional e de apoio à formação dos agricultores, se constitui, sem qualquer dúvida, em um importante Bem Público” (ibidem, p. 23).

Neste sentido, houveram diversas mudanças até a assistência técnica e extensão rural ganharem características fundamentais para ser, enfim, promotoras de diálogo e valorização dos camponeses, agricultores familiares e demais integrantes de povos e comunidades tradicionais. Como assim explica Luzzi (2007), a assistência técnica e extensão rural no Brasil dividem-se em três momentos distintos, sendo determinante a atuação do Estado e aliança com o setor privado para a sua concretização e conseqüentes contribuições para o modo de vida da sociedade.

O primeiro, conhecido como **Humanismo Assistencialista**, ocorreu de 1948 a 1962. O segundo, chamado de **Difusionismo Produtivista**, de 1963 a 1984, e, por fim, o **Humanismo Crítico**, de 1985 até os dias atuais. Contudo, a autora explica que dentro destas categorias ou denominações, devido às especificidades regionais, as ações não se desenvolveram da mesma forma, intensidade e nem deve ser concebido como um processo linear e homogêneo. Mas sim, em certos casos, coexistentes, como correntes de práxis distintas buscando o devido espaço e proeminência. Dito isto, discorreremos posteriormente na fundamentação teórica as características destes momentos/fases e o que cada um(a) representou e/ou representa para/no país.

Ter a clareza sobre estes momentos ou fases é fundamental, visto que cada uma assevera características que culminam quer no modelo hegemônico de agricultura e assistência/extensão rural, quer na insurgência do modelo contra hegemônico de agricultura e assistência/extensão rural (agroecológica), este, na efervescência dos movimentos ambientalistas e sociais, cunhados a partir da percepção da crise ou problemáticas socioambientais e dos debates sobre a necessidade da construção de uma educação libertária, autônoma e contextualizada, promovidos principalmente por Paulo Freire.

O trabalho em tela é fruto da primeira etapa do projeto da Cooperativa de Produção da Agricultura Familiar e Economia Solidária do Município de Simão Dias/SE - COOPERAFES Simão Dias, iniciado em fevereiro de 2021 e intitulado como Fortalecimento da Produção de Base Agroecológica no Estado de Sergipe, sob responsabilidade dos Agroecólogos Marcio Eric



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

Figueira dos Santos e Kauane Santos Batista. E que teve por objetivo ministrar um curso de Agroecologia para 20 agricultores familiares sobre práticas para a transição agroecológica e temas transversais com a gestão e educação ambiental. Servindo, assim, de aporte para a segunda etapa do projeto, de diagnóstico local e orientações nas respectivas propriedades.

## **2. Confluências entre as bases freireanas e a agroecologia para uma nova ATER no Brasil.**

Neste tipo de relações estruturais, rígidas e verticais, não há lugar realmente para o diálogo. E é nestas relações rígidas e verticais que se vem constituindo historicamente a consciência camponesa, como consciência oprimida. Nenhuma experiência dialógica. Nenhuma experiência de participação. Em grande parte inseguros de si mesmos. Sem o direito de dizer sua palavra, e apenas com o dever de escutar e obedecer. É natural, assim, que os camponeses apresentem uma atitude quase sempre, ainda que nem sempre, desconfiada com relação àqueles que pretendem dialogar com eles (FREIRE, 1983, p. 32).

Como vimos anteriormente, para termos melhor dimensão sobre a concepção freireana de “Extensão” e “Comunicação” na assistência técnica rural e/ou extensão rural, devemos esmiuçar seus momentos/fases e a sua própria cronologia histórica. Luzzi (2007) explica que o Humanismo Assistencialista, ocorrido de 1948 a 1962, teve como características os seguintes pontos: *(a) o pequeno agricultor como público-alvo; (b) o extensionista rural exercia uma função e postura apolítica. Sua visão sobre o homem do campo era que o mesmo seria desprovido de saberes/conhecimentos; e (c) o foco das políticas extensionistas era o acesso ao crédito rural para, então, haver a modernização através do capitalismo no campo.*

No Difusionismo Produtivista, de 1963 a 1984, impulsionado pelo o que foi chamada de Revolução Verde, que construiu o que hoje compreendemos como a agricultura e pecuária hegemônica ou agronegócio e, segundo Lazzari e Souza (2017, p. 3), devido o advento da ciência como única fonte de validade de saber, “é iniciada na década de 1950, chegando ao sul social do globo por volta da década de 1960, momento histórico em que se proclamava a ditadura que faria o Brasil ficar amordaçado por anos”, teve/tem as seguintes características marcantes: *(a) como público-alvo os médios e grandes produtores; (b) o auge da modernização*



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

*agrícola; (c) tinha-se a premissa de transferência de conhecimento (desconsiderando ainda o saber tradicional ou empírico dos sujeitos do campo) e de tecnologias ou pacotes tecnológicos para aumento da produtividade (agrotóxicos, fertilizantes sintéticos, implementos agrícolas); e (d) como principais instrumentos do Estado, a pesquisa agrícola, o crédito rural e a assistência técnica, potencializando a tida modernização através do capitalismo no campo, mas que devido à crise econômica e ao surgimento do movimento ambientalista, voltou-se, também, aos pequenos produtores e ao controle parcial no uso dos agrotóxicos.*

Já o Humanismo Crítico, de 1985 até os dias atuais e base do modelo de assistência técnica e extensão rural contra hegemônica em que a agroecologia se alicerça, se assevera tendo como destaque: *(a) o pequeno produtor, agricultor familiar, camponeses e povos e comunidades tradicionais como público-alvo (participantes); (b) o modelo político-ideológico e democrático-popular; (c) a dialogicidade advinda do modelo de educação libertária, autônoma, crítica e contextualizada nas ações de assistência técnica e extensão rural; (d) a premissa de construção do conhecimento (ao invés de transferência) através do respeito e valorização do saber tradicional ou empírico, da horizontalidade como matéria essencial para seu desenvolvimento; e (e) olhar e ações voltadas para a relação sociedade-natureza e questão socioambiental.*

Este último ponto desvelado, opõe-se significativamente a concepção de desenvolvimento (crescimento econômico) cunhado principalmente no Difusionismo Produtivista, por compreender a necessidade de uma melhor relação sociedade-natureza, realmente ecológica, devido os grandes impactos socioambientais evidenciados e amplamente discutidos na sociedade. Como Freire (2000, p. 31) explica sobre uma ecologia crítica com práticas educativas radicais e libertadoras, “urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas”.

E é nesta visão situada com a efervescência dos debates sobre a questão socioambiental que se insere a nova perspectiva de ATER voltada à agroecologia, ora chamada de assistência técnica e extensão rural agroecológica ou, coadunando linguisticamente com o já abordado, assistência técnica e comunicação rural agroecológica. Inserindo a sustentabilidade e/ou bem



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

viver e distanciando-se do que Freire (1983, p. 48) diz ser um equívoco do próprio conceito de extensão, “o de estender um conhecimento técnico até os camponeses, em lugar de fazer do fato concreto ao qual se refira o conhecimento objeto de compreensão mútua dos camponeses e dos agrônomos”, e acrescento, agroecólogos. Como explica Caporal (2009):

A Agroecologia adota, como orientação básica, enfoques pedagógicos construtivistas e de comunicação horizontal, por entender que estratégias de desenvolvimento rural sustentável e estilos de agriculturas sustentáveis requerem que se parta de uma problematização sobre o real e em cujo processo os atores envolvidos possam encontrar-se em condições de igualdade para o diálogo. Dois aspectos são aqui fundamentais. Por um lado, a Agroecologia propõe uma prática educativa baseada em metodologias participativas que permitam a reconstrução histórica das trajetórias de vida e dos modos de produção, de resistência e de reprodução, assim como o desvendamento das relações das comunidades com o seu meio ambiente (CAPORAL, 2009, p. 272).

Partindo, então, para a finalidade e conteúdo do curso de Agroecologia do projeto de Fortalecimento da Produção de Base Agroecológica no Estado de Sergipe, o mesmo objetivou-se nestes princípios freireanos de horizontalidade e dialogicidade e, principalmente, tendo o lúdico como ferramenta preponderante para a participação e sensibilização sobre filosofia e práticas agroecológicas e gestão e educação ambiental, por ensejar um campo ou território fértil para uma comunicação sensível, acolhedora e construção de conhecimento, tendo por intuito afirmar-se como uma ação de assistência técnica e comunicação rural agroecológica.

Ressaltamos que esta adoção é uma escolha e proposta para uma maior notabilidade e não implica numa invalidação doutro termo quando pensamos na aliança com agroecologia, visto que muitos autores ainda utilizam ambos e as bases horizontais ainda permanecem no contexto da práxis da assistência técnica e extensão rural agroecológica. Pois, conforme Caporal; Dambrós (2017, p. 285) apontam, “trata-se de um conceito mais amplo do que aquele que vimos anteriormente, já que inclui a necessidade de uma práxis distinta da convencional e implica reconhecer a existência de diferentes conhecimentos e estruturas de poder”.



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

### 3. Metodologia

Classifica-se o estudo como uma pesquisa científica de natureza aplicada, descritiva e explicativa, assentado numa abordagem qualitativa, com abrangência de procedimentos bibliográficos, documental e com dados secundários obtidos por meio de ferramentas de diagnóstico, onde, através da pesquisa-ação busca-se construir um conhecimento resultante da sistematização de informações dos participantes.

O estudo, refere-se às perspectivas freireanas do curso de agroecologia do projeto de Fortalecimento da Produção de Base Agroecológica no Estado de Sergipe, sendo desenvolvido com caráter híbrido. Segundo Moran (2015), o hibridismo no ensino significa mistura, abarcando combinações de diferentes espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos, sendo compreendido como um ecossistema mais aberto e criativo.

No caso das ações do projeto em tela, o hibridismo se dá também por ocorrerem as aulas na modalidade presencial e remota (online), com o uso de tecnologias digitais na educação. O primeiro módulo com a modalidade presencial, em fevereiro do corrente ano e com carga horária de 8 horas, no Centro de Formação dos Agricultores Familiares do Sertão Ocidental, localizado na Serra do Cabral, município de Simão Dias (SE), enquanto o segundo módulo na modalidade remota (online), devido às limitações e restrições proporcionadas pela Pandemia de Covid-19.

Nesta modalidade, as aulas do curso ocorreram de forma síncrona pelo Google Meet e assíncrona, com as videoaulas disponibilizadas no canal do YouTube da Cooperafes e distribuição de DVDs com o conteúdo para os participantes com indisponibilidade ou dificuldades de acesso à internet, acompanhamento no grupo de Whatsapp para veiculação das atividades e retirar dúvidas, envio de cartilhas e aplicação de ferramentas de diagnóstico, aprendizagem e avaliação formuladas com o Google Forms e Mentimeter (para geração de nuvem de palavras).

### 4. Resultados



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

Não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida [...] em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua (FREIRE, 1992, p. 47).

Ocorrendo em fevereiro de 2021 e tendo a participação de 31 pessoas, dentre estes, especificadamente, 20 integrantes do projeto e 11 convidados, com carga horária total de 8 horas, as aulas do primeiro módulo (Figura 1) foram divididas da seguinte forma: (a) *Aspectos gerais da agroecologia e produção orgânica de alimentos*; e (b) *Compostagem e Microrganismos Eficientes: da teoria à prática*. O diagnóstico transcorreu a partir de observações nas atividades práticas, depoimentos dos participantes, elaboração e apresentação de Mapas Conceituais (SOUZA; BORUCHOVITCH, 2010) e análise dos resultados dos Mapas Conceituais.

Figura 1. Registros iconográficos de aula do primeiro módulo do curso de agroecologia.



Fonte: autoria própria, 2021.

As dinâmicas de grupo, dentre estas a Vivenciando a Cooperação (vivência da cooperação para o alcance de objetivos coletivos) e avaliação ocorreram durante todo o processo de partilha de conhecimentos, buscando traçar sempre, a partir da prática efetiva dos



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
 VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
 16 a 18 de novembro de 2021

participantes, a ação-reflexão, o senso crítico sobre a agricultura convencional e sustentabilidade, sobre a importância do bem viver, do senso de coletividade e cooperação, sobre a agroecologia e sobre o diálogo profícuo entre o etnoconhecimento (saberes tradicionais) e conhecimento científico-acadêmico, por meio da horizontalidade, interculturalidade, intersubjetividade, por meio da ecologia de saberes (SANTOS; MENEZES, 2009).

Com a Elaboração e apresentação de Mapas Conceituais (Figura 2) por cada grupo, que consistia na elaboração, em cartolina(s), de um “mapa” de palavras-chave e/ou desenho (ilustrações) sobre o que foi abordado na aula/capacitação, contextualizando com seus saberes e práticas em suas propriedades, foi possível, além desta integração e pertencimento, averiguar a correlação teórico-prática (práxis), logo, sendo os objetivos alcançados. Análise dos resultados dos Mapas Conceituais feita pelos Agroecólogos responsáveis reforçaram esta correlação. Foram quatro grupos divididos e nomeados pelos próprios participantes para a atividade de Mapas Conceituais: (a) *Girassol*; (b) *Sabugueiro*; (c) *Pau Ferro*; e (d) *Agroecologia, Cooperação, Sensibilidade, Fortaleza*.

Figura 2. Apresentações do Mapa Conceitual.



Fonte: autoria própria, 2021.

*“Somos o grupo Girassol. Com sua lista de função e diversidade brilha, gira em torno do sol guiando como farol e gerando felicidade”*

*- Dizer do Grupo Girassol, disposto no seu Mapa Conceitual –*

Com os mapas conceituais foi possível observar a linha de compreensão sobre os conteúdos abordados, contextualização com as realidades locais e vivências dos participantes nas dinâmicas de grupo. Sobre os pontos positivos, o *grupo Girassol* traçou uma relação entre



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

a agroecologia, produção de orgânicos e compostagem com a preservação dos sujeitos do campo, valorização dos saberes tradicionais e a resistência e identidade camponesa. Os negativos se referiram aos efeitos prejudiciais à saúde humana e do meio ambiente proporcionados pelos agrotóxicos e transgênicos.

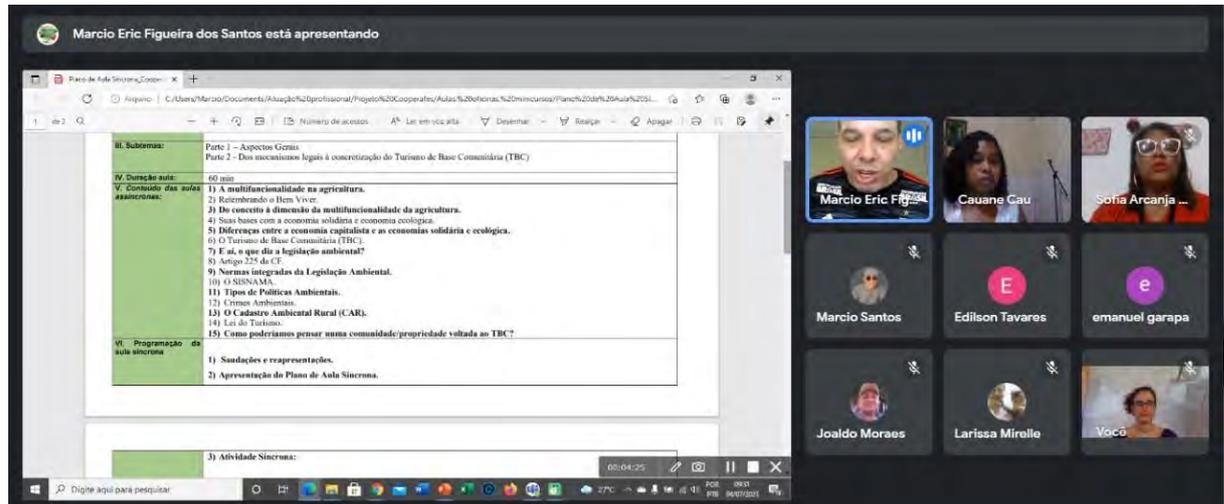
O *grupo Sabugueiro* focou na relação entre a sustentabilidade e bem viver, na saúde humana e do meio ambiente, no amor e prosperidade, tendo como pontos negativos citados a ganância e desamor no capitalismo, a percepção de falsa riqueza, a destruição e danos irreparáveis ao meio ambiente e promoção de doenças causadas pelo uso de agrotóxicos. O *grupo Pau Ferro* ressaltou a cooperação e senso coletivo como pilar da agroecologia, tendo como importantes práticas a confecção de composteiras (leiras e domésticas) e como pontos negativos o uso de agrotóxicos por pequenos agricultores, devido ao modelo disseminado pelo agronegócio. Por último, o *grupo Agroecologia, Cooperação, Sensibilidade, Fortaleza* relacionou a agroecologia com a saúde, diversidade, preservação do meio ambiente, cooperação, sensibilidade e fortaleza.

Partindo para as aulas do segundo módulo, ocorrido entre 19 de junho à 01 de agosto, sendo realizadas de forma remota, contando com a participação de 24 pessoas e, além do acompanhamento no grupo de Whatsapp para veiculação das atividades, retirar dúvidas sobre materiais didáticos oriundos de pesquisas/consultas realizadas pelos próprios cursistas, envio de cartilhas e aplicação de ferramentas de diagnóstico, ocorreram duas (2) aulas síncronas (Figura 3) e cinco (5) de forma assíncrona, tendo carga horária de 8 horas e abordando aspectos da *multifuncionalidade da agricultura camponesa, mecanismos legais à concretização do Turismo de Base Comunitária – TBC, legislação ambiental, entropia ambiental, bem viver, ética ambiental, defensivos naturais e biofertilizantes, manejo agroecológico de “pragas” e doenças e Políticas Públicas voltadas à Agroecologia.*



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
 VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
 16 a 18 de novembro de 2021

Figura 03. Aula síncrona do dia 04 de julho.



Fonte: autoria própria, 2021.

As ferramentas de diagnóstico e aprendizagem aplicadas foram as seguintes: (a) *O que essas mãos fizeram e o que essas mãos podem fazer?* (TEIXEIRA et al. 20--); (b) *Espaço Meu Ambiente TBC: a natureza dos sabores, saberes e identidade do Turismo de Base Comunitária* (Google Forms); (c) *Árvore da Territorialidade* (Google Forms); (d) *Avaliação de conteúdo/aprendizagem e Avaliação das aulas* (aplicação do Mentimeter); (e) *Espaço Meu quintal, Minha Roça* (Google Forms); (f) *Defensivos Naturais na prática*; e (g) *Biofertilizantes na prática*. Nestes últimos, os cursistas ficaram encarregados de escolher uma receita de cada (podendo também propor outras de seu dia a dia), fazer o preparo e veicular no grupo os registros iconográficos.

Sobre a aplicação de Ferramenta “*O que essas mãos fizeram e o que essas mãos podem fazer?*” (Figura 4), destaca-se a atividade de ensino e plantio em relação ao que fizeram. Outras atividades foram citadas, como estudo, pintura e música. Isto demonstra a diversidade de habilidades e potencialidades ao correlacionarmos com os aspectos da autogestão de um empreendimento rural e aspectos da multifuncionalidade da agricultura camponesa. Já em relação ao “*O que essa mão é capaz de fazer?*”, tendo a perspectiva dos desejos, possibilidades e valor agregado a suas atividades, vê-se a mesma pluralidade de habilidades e potencialidades, com destaque para o plantio e a continuidade da partilha por conhecimento e atividades como



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
 VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
 16 a 18 de novembro de 2021

cozinhar e contar histórias. Também foi possível identificar o senso de coletividade dos participantes.

Figura 04. Ferramenta “O que essas mãos fizeram e o que essas mãos podem fazer?”.



Fonte: cursistas, 2021.

A ferramenta *Espaço Meu Ambiente TBC: a natureza dos sabores, saberes e identidade do Turismo de Base Comunitária*, criada com o Google Forms e auxiliando no processo de ensino-aprendizagem e diagnóstico, apenas 20% dos participantes informaram que as respectivas comunidades desempenhavam atividades de TBC - Turismo de Base Comunitária, 100% disseram que conhecem comunidades que desempenham atividades de Turismo de Base Comunitária e que gostariam que suas comunidades desempenhassem essas atividades

Em relação aos potenciais enxergados das respectivas comunidades para desempenhar atividades de TBC, os participantes falaram de trilhas na mata e banhos, região com belezas naturais (rios, serras), riquezas culturais (samba, crenças) e com potencial para desenvolver a agricultura. O cultivo de semente crioula, a dança de roda e capoeira. Sobre os potenciais individuais que poderiam contribuir nestas ações de TBC, o guiamento em trilhas ecológicas e a cooperação em todo processo, desde administrativo ao produtivo, foram os destaques.

A ferramenta do Google Forms chamada *Árvore da Territorialidade* teve por intuito identificar e diagnosticar as memórias, fortalezas, saberes, sabores e ameaças relacionadas ao(s) Território(s). As respostas evidenciaram que a maioria dos participantes compreendem como sendo seus respectivos territórios o lugar onde vivem, se identificam, gera sentimento de pertencimento. Sobre as memórias partilhadas na relação com o território, foi citada a relação



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

com a mata nativa sombreando o riacho, sentir a natureza na beira do riacho, o mato, a roça, catação de mangaba, as danças, as religiões, comidas, cultura em geral, cor da pele (questões étnicas), relevo, geografia do local, as histórias, conhecimentos e saberes tradicionais.

Dentre os saberes tradicionais partilhados sobre a relação dos mesmos com a terra (cultivo) e meio ambiente, os destaques foram o plantio, o início do plantio antes do inverno, os aspectos culturais de transmissão dos saberes, como por exemplo a dança e canto, o bem das águas, o cuidar de sementes crioulas e senso de coletividade, solidariedade e harmonia. O alimento tradicional que aprendeu ou conheceu através seus ancestrais e que mais gostavam ou tem uma lembrança afetiva, revelando o valor simbólico e material, o destaque foi o cultivo da cana de açúcar, o preparo do vinho de jenipapo, a mangaba, amendoim, o beiju, mariscos, peixes, galinhada, ervas medicinais, rezas com folhas, banhos com folhas, cantos e danças.

Os participantes informaram que as fortalezas dos respectivos territórios são o minadouro e a mata preservada, a área de proteção permanente, as próprias comunidades, os moradores, os saberes a história do estado a raiz identitária. Neste aspecto ressaltou que estes pontos elencados constituem a própria formação da identidade e contribui com a resistência contra os processos de desterritorialização. Em relação as ameaças aos territórios, os destaques foram: a retirada das árvores ciliares dos rios pelos vizinhos; o desmatamento; a visão de depredar para crescer, que, segundo os mesmos, é um modo de agir sobre o meio ambiente, que visa só o lucro; a desigualdade social; a falta de informação; e o capitalismo predatório.

Na ferramenta *Meu quintal, Minha Roça*, sobre o que tem ou o que habitualmente produz e cria nas respectivas roças, os participantes disseram feijão (*Phaseolus vulgaris*), batata (*Solanum tuberosum*), abobora (*Cucurbita spp.*), milho (*Zea mays*), taioba (*Xanthosoma sagittifolium*), araruta (*Maranta arundinacea*), açafraão (*Curcuma longa L.*), banana (*Musa spp.*), palma (*Opuntia ficus-indica*), macaxeira (*Manihot esculenta*), porcos e galinhas.

Já nos quintais produtivos, locais que ficam ao redor das residências e comumente são mais geridos pelas mulheres, os participantes falaram: limão (*Citrus limon*); laranja (*Citrus X sinensis*); coco (*Cocos nucifera*); banana (*Musa spp.*); couve (*Brassica oleracea*); pimenta (*Capsicum*); tomate (*Solanum lycopersicum*); hortelã (*Mentha spicata*); coentro (*Coriandrum sativum*); ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*); rúcula (*Eruca vesicaria ssp. sativa*); tangerina



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
 VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
 16 a 18 de novembro de 2021

(*Citrus reticulata*); laranja (*Citrus X sinensis*); cana (*Saccharum officinarum*); galinhas; peixes; hortaliças e legumes em geral.

Nas atividades intituladas como *Defensivos Naturais na prática* e *Biofertilizantes na prática*, os cursistas ficaram encarregados de fazer a partir das receitas/formulações disponibilizadas nas aulas assíncronas e cartilhas, e enviar os registros para compor o memorial iconográfico e, no encontro síncrono, relatarem sobre o processo de manipulação e as respectivas impressões, como demonstram o exemplo da Figura 5.

Figura 5. Registros dos preparos do defensivo natural de hortelã (*Mentha spicata*) e do biofertilizante.



Fonte: cursistas, 2021

Assim como no 1º módulo do curso, com as observações nas atividades práticas e depoimentos dos cursistas foi possível constatar os múltiplos saberes e vivências, a satisfação de terem sido protagonistas e construtores do próprio processo de ensino-aprendizagem, assim como a compreensão dos mesmos sobre todo conteúdo, sendo relatado por todos que foi prazeroso, dinâmico e democrático. Isto por também ser passado para os mesmos que a aprendizagem era mútua, demonstrando a importância de estabelecermos a dialogicidade freireana do encontro e do caminhar neste território de construção do afeto e conhecimento. Como Freire (1983, p. 45) explica, “a comunicação, pelo contrário, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida [...] Comunicar é comunicar-se em torno do significado signifiicante”.



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

## 5. Conclusões

Compreender a dimensão do diálogo, do lúdico, das bases educacionais emancipatórias freireanas na construção do conhecimento agroecológico por meio de uma assistência técnica e comunicação rural agroecológica, é compreender e reconhecer a capacidade e todo acervo cultural, de saberes, histórias e vivências dos camponeses, dos povos e comunidades tradicionais. Pois, como assim disse FREIRE (1983, p. 07), “conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe [...] Requer sua ação transformadora sobre a realidade”.

Assim como a história da ATER demonstra a necessidade de surgimento deste modelo apresentado, advindo do humanismo crítico, o curso de agroecologia do projeto de Fortalecimento da Produção de Base Agroecológica no Estado de Sergipe, com esta comunicação de caráter lúdico e participativo no processo de ensino-aprendizagem e diagnóstico, atendeu às expectativas por criar um ambiente favorável para uma comunicação mais significativa e identitária dos sujeitos, na sensação de pertencimento, capacidade de diálogo e compreensão do saber.

No que diz respeito ao conteúdo abordado, os relatos e dados coletados indicam a importância desta troca de saberes, assentado na liberdade, autonomia, criticidade, utopia e no esperar das bases freireanas e da ecologia de saberes, concluindo que as atividades lúdicas educacionais, quer no modelo presencial, quer remoto/digital, ou seja, com caráter híbrido, são importantes ferramentas de motivação e aprendizagem, desde as temáticas diretamente ligadas a agroecologia até e aos aspectos socioambientais e legais da educação/gestão ambiental.

Vê-se como uma possibilidade para outras ações de Assistência Técnica e Comunicação Rural Agroecológica, a aplicação do modelo híbrido de ensino e diagnóstico, por também possibilitar a construção de um memorial acessível, por haver a possibilidade de acompanhamento e resolução das atividades com uma margem de tempo acessível aos participantes. Logo, atingindo os objetivos de atendimento desta demanda de afirmar-se como uma ação de Assistência Técnica e Comunicação Rural Agroecológica e também contribuir para ampliação do diálogo com a academia e sociedade em geral por meio da publicização de toda esta trajetória, auxiliando no desenvolvimento de outras pesquisas/estudos.



III *Sustentare* – Seminários de Sustentabilidade da PUC-Campinas  
VI WIPIS – Workshop Internacional de Pesquisa em Indicadores de Sustentabilidade  
16 a 18 de novembro de 2021

## 6. Referências bibliográficas

CAPORAL, F.R. **Extensão rural e agroecologia**: temas sobre um novo desenvolvimento rural, necessário e possível. Brasília (DF), 2009. 398 p.

CAPORAL, F. R.; DAMBRÓS, O. **Extensão Rural Agroecológica**: experiências e limites. Redes - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, maio-agosto, 2017.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** - 7ª ed. - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 93 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro (RJ), Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo (SP): Editora UNESP, 2000. ISBN 85-7139-291-2.

LAZZARI, F. M.; SOUZA, A. S. **Revolução verde**: impactos sobre os conhecimentos tradicionais. Anais do 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. Santa Maria (RS), UFSM, 2017. ISSN 2238-9121.

LUZZI, N. **O debate agroecológico no Brasil**: uma construção a partir dos atores sociais. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, UFRRJ, 2007. 182 p.

MORAN, J. **Educação híbrida**: um conceito-chave para a educação, hoje. In: Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação [recurso eletrônico]. Porto Alegre (RS): Penso, 2015. ISBN 978-85-8429-049-9.

SAF - Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo. **Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER)**. Brasília (DF): MAPA, 2020. Disponível em <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/agricultura-familiar/assistencia-tecnica-e-extensao-rural-ater>. Acesso em 28 ago. 2021.

SANTOS, B. DE S. & MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2009, 518 p. ISBN 978-972-40-3738-7.

SOUZA, N. A. de; BORUCHOVITCH, E. Mapas conceituais: estratégia de ensino/aprendizagem e ferramenta avaliativa. Belo Horizonte (MG): **Educação em Revista**, v.26, n.03, p.195-218, 2010.

TEIXEIRA, D. de L.; DUARTE, M. F.; MORIMOTO, P. **Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário**. ECOAR, São Paulo, [20--].